

XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013.

# A Realeza de Temístio.

Bruna Campos Gonçalves.

Cita:

Bruna Campos Gonçalves (2013). *A Realeza de Temístio*. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/49>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

**XIV Jornadas**  
**Interescuelas/Departamentos de Historia**

**2 al 5 de octubre de 2013**

**ORGANIZA:**

Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras  
Universidad Nacional de Cuyo

Número de la Mesa Temática: 07

Título de la Mesa Temática: Tradición, tensión, decadencia, renovación, cambios y permanencias de la cosmovisión helénica, romana y tardo-antigua a partir de la interpretación de los modelos simbólicos y discursivos, propios del marco espacial Mediterráneo.

Apellido y Nombre de las/os coordinadores/as: Graciela Gómez Aso; Viviana Boch de Boldrino.

**A REALEZA EM TEMÍSTIO**

Bruna Campos Gonçalves

Mestre em História  
Doutoranda em História - Bolsista FAPESP  
Universidade Estadual Paulista – Franca/ Brasil  
Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho  
bruna.camposg@gmail.com

Na tardo-antiguidade observamos uma nova perspectiva na sucessão imperial, principalmente no que concerne à entronação dos Imperadores Joviano e Valentiniano I. Tais Imperadores ascenderam ao poder após a decisão do órgão militar do Império Romano, ou seja, era através da aclamação do Exército que se conhecia o novo governante de Roma e suas províncias. Notamos assim, que a preocupação dos generais

não era quanto a *Paidéia*<sup>1</sup> do escolhido, e sim em encontrar alguém capacitado a conduzir os conflitos bélicos travados nas fronteiras do território romano.

Muitas são as implicações decorrentes desse processo aclamatório, como o realce do papel do bárbaro na sociedade romana, o rompimento com uma tradição clássica de escolha de Imperador ou de sucessão consanguínea, a pouca importância que se concede nesse momento a base político-cultural do escolhido para reger o Império Romano. O filósofo panegirista Temístio visa em seus discursos promover os antigos ensinamentos aos novos membros do poder imperial, de forma a garantir a lembrança da tradição e a importância da filosofia.

O paflagoniano, valendo-se da sua condição de filósofo, utilizou suas orações como “lembretes cuidadosos para Imperadores e administradores imperiais da necessidade de se governar em estrita concordância com a *Paidéia*”. (VANDERSPOEL, 1995:13). Ao lermos seus panegíricos, percebemos, nos entremeios, lembranças de passados gloriosos, exemplos de histórias que marcaram o imaginário dos gregos e romanos, e, principalmente, a concepção de Realeza tida pelo filósofo.

Em seus discursos, Temístio deixa transparecer muito mais que um simples elogio à pessoa mais importante do Império ou a defesa de sua cidade (adotiva), Constantinopla. O senador-filósofo propôs uma concepção de governo e governante, e buscou, em seus trabalhos, sublinhar os quesitos importantes para fazer uma boa administração. Dessa forma, fez valer seu papel de filósofo e conhecedor da retórica, exaltando as características de um bom governante, ao mesmo tempo em que tecia um elogio ao Imperador em suas obras.

O autor por nos analisado tem um extenso rol de orações, nas quais buscou apresentar diversas questões filosóficas pertinentes à manutenção do poder Imperial; com especial atenção aos valores morais e educacionais importantes a um bom governante. Como sublinhou Downey, em artigo sobre a Educação e Problemas Públicos de 1955, os panegíricos preservados de Temístio nos mostram suas preocupações “em diferentes locais, de diferentes formas, e com o que podem parecer diferentes ênfases, causadas pelos diferentes propósitos em suas orações onde suas ideias são divulgadas.” (DOWNEY, 1955:293). Ou seja, o autor não nos proporciona

---

<sup>1</sup> Compreendemos a *Paidéia* como um conjunto de ações pedagógicas, políticas, filosóficas e religiosas (consideradas por nós como um conjunto político-cultural) que aprimora o discursivo persuasivo (retórico, ou arte da persuasão) daqueles que necessitam demonstrar e impor seu poder. (CARVALHO, 2010:26).

uma síntese de seus pensamentos e ideais, mas, em cada discurso evidencia alguns pontos que permeiam suas inquietações.

Durante toda a leitura dos discursos políticos temistianos notamos significativos apontamentos acerca das virtudes e qualidades, e da educação que era necessária para preparar um governante. Como podemos ver na passagem que segue, o panegirista contempla qual seria a melhor formação para um Imperador, aliás, explicita as boas experiências que um imperador poderia ter tido durante sua juventude.

Em efeito reconheço claramente em tuas palavras as precisões do divino Platão sobre a arte de governar, ainda que mude sua formulação: que é de grande proveitos para os governados que os reis tenham se desenvolvido previamente, que tenham recebido uma educação rígida e livre de adulações, cultivando os campos, servindo em cargos públicos, dormindo no chão, participando de campanhas militares e crescendo na dureza da vida humana, como Ciro, como Darío, como Numa e como os romanos mais esclarecidos. (TEMÍSTIO, *Disc.* VI, 81b).

Ao afinal, o governante de Roma deveria, na concepção de Temístio, ser versado em filosofia; na qual aprenderia todos os valores morais fundamentais a um Imperador. “O Imperador deveria ser um filósofo ele próprio, mas se as circunstâncias tornam isso impossível, ele teria que se cercar de filósofos e governar seguindo seus conselhos”. (DOWNEY, 1955:301). Temístio via a filosofia como detentora dos conhecimentos divinos, e era somente através da prática filosófica que o Imperador conseguiria alcançar a semelhança de Deus.

“Escolhido por Deus, o imperador é eleito pelos homens”. (DAGRON, 1968:136). Gilbert Dagron aponta nessa frase uma vertente do pensamento temístiano, no qual o Senhor supremo escolhe o próximo governante e utiliza-se da eleição humana para valer Sua escolha; em outros termos, a nomeação do governante imperial, seja pela aclamação militar ou pela indicação do senado, traduz a vontade Divina. Porém, o novo Imperador deverá mostrar pelos seus atos governamentais que a decisão humana corresponde à preferência de Deus.

Não vão acreditar, nobres homens, que os soldados têm competência em uma eleição de tamanha importância, sendo que é do alto que procede realmente o decreto, e no alto que se ratifica a proclamação com a colaboração dos homens. Seguindo esse ato, corresponde a vós (novo Imperador: no caso

Valentiniano I) demonstrar que os soldados colaboraram realmente com Deus, pois se é somente do poder que deposita sua confiança, dareis a impressão de haver apoderado do império pelas armas; porém, se sua força residir na excelência da sua virtude, se comprovará que haveis sido escolhidos pelos céus. (TEMÍSTIO, *Disc.* VI, 73c).

“Logo é nisso que consiste sua tarefa de rei, em fazer igual a Zeus, já que é seu servidor e intérprete, e lhe há confiado uma parte considerável de Seu domínio: o ‘rebanho humano’”. (*Disc.* XV, 188b). A atividade prática das virtudes e qualidades reais era essencial na tese do filósofo Temístio, pois somente com o exercício diário dos valores morais o imperador consegue afirmar sua ascensão divina. Para o grego, o filósofo possuía todo o conhecimento teórico, mas só o governante tem o poder e a oportunidade de colocá-lo em ação.

O sábio Platão sustentava quase em todas as obras que o verdadeiro governante e o filósofo avançam pelo mesmo caminho, pois ambos competem e se esforçam com vista no mesmo modelo, porém um se centra na especulação científica e o outro na atividade prática: o primeiro se limita a conhecer o Soberano e todo o universo, enquanto o segundo também O imita (e já se sabe que a ação assimila em maior medida que o conhecimento). (TEMÍSTIO, *Disc.* II, 34c).

Convém sublinhar que, a nosso ver, a filosofia de Temístio não está libertando o Imperador para agir conforme quiser. O filósofo grego ressalta em seus discursos a responsabilidade de governar e procura em suas falas direcionar os novos administradores imperiais a um bom uso de seu poder. Um fato a ser destacado na teoria do panegirista tardo-antigo é a extrema confiança no caráter da pessoa real, levando em consideração que no conceito aqui analisado o governante é a lei viva, não possuindo nada a limitá-lo a não ser sua vontade de seguir dentro das virtudes reais e alcançar a excelência na arte de governar.

Abordaremos detalhadamente as virtudes consagradas por Temístio, mas antes analisaremos a posição do filósofo no quesito das leis e como é a relação com o governante.

Seguindo a tese de Platão, a lei, dada sua incapacidade de entrar em acordo pela infinita diversidade das ações humanas, se limita a prever penas idênticas para delitos desiguais e a realizar declarações de caráter geral. (in: PONCE, 2002:509). Sendo

assim, ao governante cabia suprir as deficiências encontradas nas leis. Nesse momento, o governante régio tem a oportunidade de se mostrar um imperador escolhido por Deus, já que é no exercício de uma virtude, a clemência, que o chefe do Império intercede num julgamento. Mostra-se, dessa forma, um verdadeiro governante humanitário.

A lei, como um homem austero e arrogante, oferece frequentemente as mesmas respostas mesmo que não se pergunte o mesmo. E já que é assim e que a lei, dada essa limitação, pronuncia palavras idênticas a propósito de realidades distintas, o fiscal severo pode ater-se as suas palavras e aferra-se as suas letras. Por esta razão é frequente que a lei condene a morte a quem ela mesma haveria absorvido se pudera adotar uma letra diferente, com o que vem ocorrendo (não sei como) em uma espécie de ilegalidade ajustada ao direito. Sem embargo, o príncipe humanitário desculpa a lei escrita por sua incapacidade e assume pessoalmente tudo o que escapa a legislação, consciente, segundo creio, de que é lei e está acima das leis. (TEMÍTIO, *Disc. I*, 15a-b).

Ao imperador, convinha saber o momento de se impor em querelas que a lei escrita não alcança; buscando nesse caminho colocar a disposição de seus súditos, sua clemência e generosidade. Com isso, o príncipe conseguiria manter seu governo em harmonia; também, ensinaria seus filhos, futuros administradores reais, através de seus atos e da repercussão destes na sociedade. Perpetuando, assim, bons exemplos às gerações que o seguiram no comando do império.

Como acabamos de ver, o governante é lei viva na descrição do filósofo da antiguidade tardia, mas, somente exercerá, com maestria, esse papel quando sustentado pela clemência e humanidade.

O panegirista em cada discurso proferido focaliza uma ou várias questões de seu pensamento sobre a Realeza, sempre conforme o momento que está vivendo. Atém-se às características importantes a ser destacada a cada imperador, uma vez que cada um necessita ouvir a respeito de determinados assuntos. Por exemplo, quando se dirige a Valentiniano I e a Valente, exalta o amor fraterno, demonstrando aos governantes suas preocupações, já que, por serem irmãos, podem tanto se tornarem grandes líderes e atuarem sempre em conjunto, quanto acabarem em uma guerra civil, levando sofrimento ao Império Romano.

Mas é interessante notar que embora cada oração de Temístio tenha uma diretriz diferente, seu ideal de Realeza mantém-se coeso em todos os discursos proferidos a

Imperadores Romanos. O monarca definido por Temístio possui inúmeras particularidades, as quais Stephen A. Stertz sintetiza perfeitamente:

O governante é comparado a Deus, ele é mandado por Deus para o bem da humanidade, o império é a *mimese* do céu; a essência real, a instituição da Realeza, em contraposto a pessoa do governante em si, é divina; ele é lei viva (*nomos empsychos*); sua humanidade e benevolência são elogiadas; se opõe ao tirano em todos os aspectos. (...) o imperador é eleito pelos homens, mas na realidade escolhido por Deus; (...); ele imita Deus e por sua vez é imitado por seus súditos; ele recebe de Deus a ciência do governo; sua justiça é asilo contra as durezas das leis escritas; nasce Imperador e se converte em Imperador por natureza; é comparado ao Sol e a um pastor; harmoniza as forças do estado; ele é rei por suas virtudes e não por outros símbolos; e as tradicionais virtudes imperiais a humanidade, a temperança, a mansidão, a verdade e a justiça. (STERTZ, 1976:350).

Joaquim Ritore Ponce completa a lista de Stertz: “Da tradição romana procede, em troca, o tópico do imperador que vive ao ar livre, serve como soldado e se educa nas dificuldades da vida”. (PONCE, 2000:43). O item destacado por Ponce já foi, por nós, comentado em outro momento, quando analisamos, no ponto de vista de Temístio, quais eram as melhores experiências de vida que um futuro Monarca deveria ter. Para o autor, conhecer vários aspectos da dureza da vida, garante um governante forte e sábio, afinal terá vivenciado muitas dificuldades que fortalece o corpo e enobrece o espírito.

O Imperador adquire com a prática da vida os valores importantes para o homem, e, principalmente, para um regente do Império. Para o filósofo grego, a felicidade será completa quando o governante for repleto de bom ânimo, moderar suas atitudes e paixões, lembrar-se das tradições que fizeram seu império, tiver coragem para mantê-lo, ser prodigo e estar alerta.

O filósofo paflagoniano herdou de seu pai o amor pelo pensamento aristotélico e platônico, o que podemos observar em toda sua obra. Em vários panegíricos, Temístio cita e comenta passagens de Aristóteles e de Platão como suporte ao seu ideal de *Realeza*. Vanderspoel nos aponta que para Aristóteles “a posição do governante é igual à de um pai sobre os seus filhos, não um mestre sobre escravos, o que seria tirania”. (VANDERSPOEL, 1999:81). Uma vez que os comandos do pai são moderados pelo amor, preocupação e virtude, um pai é superior a seus filhos.

Já, para Platão, o indivíduo que será governante é um membro dos cidadãos e é selecionado cedo para ser treinado na arte de governar. “Ele governa, não por sua posição natural, como um pai sobre seus filhos, mas porque talento e treino fez dele o primeiro entre seus iguais, os cidadãos”. (VANDERSPOEL, 1999:82). Diferentemente de Aristóteles, Platão acredita que um bom governante é um governante filósofo, e não necessariamente tenha nascido na realeza; podendo ser treinado para seu futuro ofício de condução do império.

A partir das informações destacadas acima, observamos que Temístio procura nos dois filósofos da Antiguidade, Aristóteles e Platão, o sustentáculo para sua teoria da Realeza. Outros pontos importantes constroem o pensamento do filósofo tardo-antigo, como já vimos: a questão da lei, onde o monarca é lei viva, ou seja, está sobre a lei escrita. Outra característica, já apontada por nós, foi quanto ao monarca em relação a Deus, o primeiro seria imagem e semelhança do segundo, buscando para tanto praticar ações virtuosas.

Ainda há muitos itens a serem analisados, como por exemplo: quais virtudes Temístio admirava, e qual se assemelhava mais à divindade; qual o papel e a importância da *philantrōpía* no ideal temistiano; o que diferencia o bom monarca do tirano; entre tantos mais. Sem nos esquecermos de sua política de tolerância religiosa, já que foi por meio desta que o filósofo Temístio conseguiu construir uma carreira política, na qual viu a morte e a ascensão de inúmeros Imperadores.

Como pudemos observar, até o momento, Temístio, embora não refutasse a necessidade da escolha pelo exército, não estava inteiramente de acordo com esse método, pois para ele a Paidéia do escolhido deveria ser considerada.

### 1. As virtudes e a importância da *philantrōpía*

Temístio discute, em todos os seus panegíricos aos Imperadores, as virtudes esperadas por um governante; seriam as atitudes virtuosas que os diferenciariam dos tiranos. “O governante, tendo sempre presente o interesse de seus súditos, tira as forças de suas decisões da virtude, enquanto o tirano, por ser escravo de suas paixões, só tem presente seus próprios desejos.” (SAYAS, 1972:44). Sayas descreveu com suas palavras o que o próprio Temístio questionou em seu segundo discurso ao Imperador Constâncio:



Precisamente por isso, estimados senhores, estes dois termos, o de governante e o de tirano, estão tão de frente e contrários entre si, e em nenhum caso toleram semelhança ou convergência alguma, como tampouco podem coincidir a mente e o prazer por estranheza mútua, pois se um floresce, o outro consome e enfraquece. E em que sentido se opõe e se diferenciam ambos os termos? Em que ambos representam forma de governo própria dos homens (não uma de cavalos e outra dos homens), mas enquanto que um acompanha a virtude e busca o bem dos súditos, ao outro o acompanha a maldade e só busca o proveito próprio. Por isso, os homens creem o primeiro divino e bem aventurado, e ao outro temem e o maldizem. (TEMÍSTIO, *Disc.* II, 35c-d).

As virtudes descritas pelo panegirista filósofo são inúmeras, dentre elas, encontramos a justiça, a clemência, a generosidade, a coragem, a força, a harmonia, a verdade, a temperança, a humanidade, entre tantas. A maioria delas já era avistada em outras teorias da época, até mesmo no ideal de Realeza Cristão. No entanto, um elemento novo aparece em Temístio, a *philanthropia*, ou seja, o amor pela humanidade, como a suprema e indispensável qualidade do governante. (DOWNEY, 1957:268).

Dagron nos aponta que para, o filósofo, o imperador deveria “reproduzir a ordem e a administração divina.” (DAGRON, 1968:138). No objetivo de alcançar tais feitos aqui na Terra, o monarca deveria ter uma conduta voltada para o bem, ou seja, suas atitudes deveriam conotar as virtudes imprescindíveis ao bom homem, e mais ainda, deveria ser acrescida daquela que lhe assemelha ao divino: a *philanthropia*. Pois essa última é essencialmente divina, uma vez que somente Deus consegue exercê-la com perfeição, porém o governante, na tese de Temístio, é o único que tem condições e está apto a imitá-Lo.

O suporte de toda a teoria temistianiana está nas virtudes, pois sem elas ninguém seria um bom governante, ao contrário, o filósofo reconhecê-lo-ia por um tirano.

Uma questão a ser levantada em torno das qualidades imperiais de Temístio e ressaltada por Sayas, é se as virtudes listadas pelo filósofo “eram as mesmas, e, na mesma proporção, que possuía um homem instruído e virtuoso, ou se exigia ter alguma qualidade especial.” (SAYAS, 1972:46). Da mesma maneira que para o panegirista tardo-antigo, o imperador deveria ter uma educação especial e distinta da dos seus súditos, também este deveria possuir um valor moral superior: a *philanthropia*, muito ligada à humanidade e em muitas das vezes as duas se confundem nos panegíricos políticos de Temístio.

Em um discurso dirigido ao imperador Teodósio, o filósofo-político sublinha o valor da humanidade para as ações dos príncipes. Sendo essa a única maneira do monarca se assemelhar a Deus, pois demonstrará o mesmo amor pelos humanos. Dessa forma, ambos estarão ligados pelo mesmo sentimento de bem querer pela humanidade.

O que é então o que eu vi em Licurgo para dar a ele tratamento de deus mais que de homem? A suavidade, a justiça, a piedade, e a virtude que é diretora destas: a humanidade, a única com que um rei pode chegar a assemelhar-se a Deus. (TEMÍSTIO, *Disc.* XIX, 226d).

A humanidade, também entendida por *philantrōpía*, é classificada pelo filósofo grego como divina e pura. “O imperador que pratica a *philantrōpía* está imitando a divindade e é amigo dela.” (SAYAS, 1972:50). Como já apontamos anteriormente, somente através das virtudes, e, sobretudo, da *philantrōpía* que o monarca pode alcançar a semelhança com Deus. Num panegírico endereçado ao Imperador Constâncio, Temístio explica a composição do termo e sua abrangência perante as outras qualidades morais.

Da beleza de nosso soberano, cuja contemplação estou sempre disposto e da que me procuro qualificar como um digno observador, belo é sem dúvida seu brilho exterior, mas muito mais indescritível e inefável é toda a frescura e a bondade que vem repleta quem fixa seus olhos a ela. “ali dentro reside”, como disse Homero, “o amor” aos homens, mas não um amor mentiroso e insidioso, sim o amor divino e puro de que está composto o termo *philantrōpía*. Ali reside o desejo de temperança, nele habita a serena verdade, habita a calma, resplandece a justiça e nele se manifesta outras muitas belezas veneráveis, sagradas e divinas. Dirigir de repente e ligeiro os olhos a ela – a *philantrōpía* –, sem antes ter limpado e purificado convenientemente a vista com os remédios da filosofia, não é nem piedoso nem prudente. (TEMÍSTIO, *Disc.* IV, 4:51c-d).

Nessa passagem, como em muitas outras, o filósofo grego realça a virtude divina por excelência. A *philantrōpía* no pensamento temistiano ganha grande importância e vulto. Diferentemente da *philantrōpía* que conhecemos hoje, que está ligada a caridade, para Temístio tal virtude constituía a primazia e a confluência de todas as outras. A qualidade ligada a Deus, pois somente o soberano do universo exerce-a sublimemente, e

o monarca para ter sempre seu coração guardado nas mãos de Deus, em outras palavras, ter um reinado abençoado pelos céus, procura a todo o momento estar imbuído da humanidade divina. Dessa forma, o imperador estaria se projetando a imagem e semelhança do divino soberano, pois a partir de suas ações garante a proteção de Deus.

No trecho que segue abaixo, do discurso em comemoração aos dez anos do reinado de Valente, Temístio mais uma vez exalta a humanidade. Colocando-a como a confluência de todas as outras, vai além, sem ela nenhuma outra qualidade que venha possuir o monarca se sobressairia. Mesmo que o governante tivesse virtudes como a valentia, a temperança, generosidade, a justiça e tantas outras, tais não se revelariam sem a presença, também, da humanidade em suas ações. Pois, como bem sublinhou Sayas, “ao configurar a *philantrōpía* como a virtude por excelência as outras virtudes passam a estar dependentes dessa.” (SAYAS, 1972:52).

A virtude da humanidade é sempre uma bela prenda em um cidadão comum, mas no caso do príncipe é um ornamento mais particular e que corresponde por todas as outras virtudes: todas essas estão vinculadas àquela ou nenhuma terá resultados proveitoso, por mais que as tenham. Examina com detalhe cada uma por ela mesma, como quando giras uma moeda, para ver a marca imperial. Vejamos, por exemplo, a chamada “valentia”: se trata sem dúvida de um elogio mais apropriado a um soldado que a um general ao um oficial. E até mesmo em respeito a justiça e a temperança, que nosso soberano se orgulha de possuir em maior medida que qualquer cidadão, afirmo que se em seu caso são visíveis e dignas de apreciação, isso se deve a convergências delas com sua humanidade. (TEMÍSTIO, *Disc.* XI, 146d/147a).

Na teoria do filósofo tardo-antigo, a humanidade deveria permear todas as práticas políticas do monarca, serviria ela como um guia no qual o governante deve se basear na administração de suas funções. Sobretudo se gostaria de ter o beneplácito celeste, pois Deus pode ter o escolhido por meio da eleição humana, mas serão suas realizações que o revelará como um verdadeiro governante. Podemos dizer então, que para o grego, o imperador tinha grandes responsabilidades sobre seus atos, onde se observaria o caráter moral do homem mais importante do Império e se condizem com sua posição de escolhido por Deus.

Temístio sobressalta outros pontos positivos de ter um governante virtuoso no comando de um Império, dentre os quais observamos o exemplo de boa moral que o governante dá aos seus súditos. O monarca procura se assemelhar a Deus e os cidadãos

se espelham no príncipe que os regem, dessa forma podemos dizer que no pensamento temistiano “o povo se faz virtuoso com bons governantes”. Como destacou o filósofo na passagem abaixo de um dos panegíricos direcionados a Teodósio.

De fato, a virtude que se vê arrastada aos assuntos públicos floresce e se cultiva muito mais, pois “se cultiva sempre o que honra, e se descuida o que não se honra”. Demonstra-se assim a sabedoria desse dito que “o povo se faz virtuoso com bons governantes”, pois inclusive o vulgar se apressa a buscar o que é objeto de honras. Mas não somente a honra alimenta a virtude, também a solicitude, a assiduidade e a perseverança na tarefa que se empreende. Se a virtude, entretanto, encaminhara-se a subir na tribuna, brilhando só um instante e exibindo uma beleza efêmera e agraz, não poderia incitar a muitos a segui-la. Esta, no entanto, tem de se assemelhar mais a um corredor do fundo que a um velocista, e não deter-se por cruzar a primeira meta, e sim dar muitas voltas no estádio, pois assim poderá fazer maior demonstração de seu poder e do seu brilho. Também podemos ver que os cavaleiros tomam seu tempo para conhecer seus cavalos e determinar a tarefa que há de designar a cada um desses animais. (TEMÍSTIO, *Disc. XV*, 195d/196a-b).

Uma questão ressaltada pelo filósofo grego e que merece nossa atenção é quanto a vencer pela virtude e não pelo derramamento de sangue. Na teoria do panegirista, o brilho de um governante virtuoso bastaria numa disputa com povos de fora da fronteira do império. Se o governante estrangeiro fosse sensato deixaria o melhor e mais virtuoso dos homens governar seu reino, pois que melhor do que aquele que cultiva a humanidade divina para olhar por todos os homens, inclusive para aqueles que não compartilham a mesma origem. A humanidade resplandece a todos e todos a percebem em quem a pratica.

Tão benévolo é teu semblante e tão serena a tua voz e tanta a calma que invade todo o seu rosto! Ninguém que dirija o olhar a ti permanece sem expulsar todo temor de sua alma: inclusive aquele inimigo teu que até agora via com suspeita os acordos de paz e que não se atrevia, desconfiado, a compartilhar tua mesa sem precauções, agora vai desarmado e sem resistência a sua presença e se põe a disposição, seguro de que não vai tratá-lo como inimigo, (...). Em definitivo, quem não havíamos vencido pelas armas não os ganhamos espontaneamente pela confiança que lhes inspira, (...). A boa fama é mais eficaz a um príncipe que a abundância de escudos, submete de bom grado a quem não se curva ante a coerção: uma estratégia inteligente não e tão

capaz de vencer uma tropa numerosa como o são a piedade e a humanidade, que não só a vencem, como também a salvam. (TEMÍSTIO, *Disc. XV*, 190c-d/191a).

Da mesma forma, Temístio acredita que é muito melhor o “príncipe cativar com a benevolência do que exercer domínio pelo terror, pois a virtude o converte em soberano com o beneplácito dos súditos, e de outra forma o é contra a vontade dos governados.” (TEMÍSTIO, *Disc. VII*, 96b). O conjunto de qualidades morais propostas por Temístio, principalmente, a *philantrōpía*, quando praticadas pelo governante, consagra sua administração com a benção divina e propaga a felicidade a todos os habitantes de seu império.

## 2. A tolerância Político-Religiosa

Antes de adentrarmos no tema proposto aqui, é pertinente expormos nosso pensamento a respeito do que entendemos por político-religioso, e Margarida Maria de Carvalho nos auxilia nesse entendimento. De acordo com a historiadora, o homem romano do século IV d.C. não separava a questão política da religiosa. (CARVALHO, 2010:27). Em nossa investigação histórica, tal característica se verifica quando notamos a ligação da questão religiosa nos conceitos de Realeza, já que ambos os autores aqui presentes discutem o que é Realeza levando em consideração, conjuntamente, as ações político-religiosas de um governante.

Um debate recorrente nos panegíricos de Temístio é quanto à tolerância religiosa. O filósofo era adepto ao culto de vários Deuses, porém cresceu num Império onde havia vários tipos de filosofia, inclusive de cristianismo, ou mesmo, se é que podemos dizer quando estava ocorrendo à afirmação do discurso cristão. Durante seus estudos teve influência tanto de seu pai que lhe legou o gosto por Aristóteles e Platão, quanto de professores cristãos como, Basílio de Neocesareia. A confluência desses dois estudos ajudou o filósofo tardo-antigo a formular seu projeto de tolerância religiosa.

Embora uma das razões para o filósofo grego ter proferido um discurso a Joviano, clamando pela diversidade de religiões, fosse por receio de uma possível reação as políticas de Juliano contra os cristãos, “Temístio era preocupado com a liberdade de expressão religiosa e promoveu a pluralidade de religiões vigorosamente”. (VANDERSPOEL, 1999:23). Uma vez que observamos, não somente no panegírico V (a Joviano por motivo de seu consulado), essa consternação em torno do culto religioso.

Temístio argumenta que Deus teria criado a diversidade, portanto seria desnecessário praticar a violência contra algo que não se pode evitar, está nos desígnios divinos. Aos olhos do filósofo, estava nas mãos do monarca, como lei viva, promulgar uma lei que pusesse fim a qualquer tipo de perseguição político-religiosa.

Todos, sem embargo, dependem de ti e de tua vontade, não só os que fazem parte do exército, mas todos os civis que se encontram entre teus súditos: camponeses, oradores, curiais e filósofos. Pensa que é essa diversidade que satisfaz o Pai do universo: Sua vontade é que os sírios tenham seus próprios ritos, assim como os helenos e os egípcios, cada qual com sua particularidade; e nem sequer dentro dos mesmos sírios todos são iguais, mas diferenciado em pequenos grupos. Ninguém pensa exatamente igual que a seu próximo, mas cada um o faz a sua maneira. Por que fazer então violência com o que não se pode evitar. (TEMÍSTIO, *Disc. V*, 70a).

Todos os Imperadores que Temístio tinha uma proximidade, Constâncio II, Joviano, os irmãos Valentes e Teodósio, eram cristãos e governavam um Império onde a elite campestre permanecia substancialmente não cristã. (HEATHER, 1998:137). Portanto, ter como aliado de governo um filósofo-político que não proferia a mesma religião do governante era manter a ordem dentro do limes romano; pois de outra forma, o monarca poderia ficar sem o apoio de uma parte de seus ilustres súditos.

Como bem destacou Peter Heather: “para uma serie de bons imperadores cristãos, empregar Temístio era afirmar o comprometimento com a continuidade, vital para atrair o suporte da elite no meio das transformações culturais”. (HEATHER, 1998:138). Tendo em consideração que o século IV d.C. se encontra no meio da Antiguidade Tardia, onde muitas transformações estavam ocorrendo juntamente com a permanência de antigos valores, podemos dizer que era de extrema importância, de acordo com o pensamento temistianiano, manter uma boa relação entre as diversas formas de cultos religiosos, seja eles antigos ou novos.

A tolerância religiosa, figura nos panegíricos de Temístio, como uma das melhores políticas que um soberano pode adotar. Já que, além de garantir a paz social, essa medida vai ao encontro da vontade Divina, de ser adorado de diversas maneiras. No entender do filósofo, Deus nos deixou livre a escolher como renderíamos tributos a Ele, e qualquer forma de coação religiosa estaria indo contra a liberdade concedida pelo Soberano universal.

O príncipe, na concepção do filósofo tardo-antigo, por ser o representante de Deus na terra deve cumprir a Sua vontade: deixar os homens livres para cultivar suas crenças. Ainda no discurso a Joviano, Temístio ressalva que há assuntos que escapam a coerção, como a virtude e o culto a divindade. Ninguém se faz piedoso e devoto por temor a prescrições humanas; uma vez que, o impulso da alma está livre de repressão, é independente e espontâneo. Dessa forma, entendemos que o importante, para o autor dos discursos, não é a forma como cultuavam o Divino e sim a cumplicidade de estarem sobre o julgo do mesmo Soberano dos Céus.

### 3. Os Bárbaros

Outra questão, que nos chama bastante atenção nos panegíricos de Temístio, é seu posicionamento quanto aos bárbaros. O filósofo presenciou durante sua vida a confluência de bárbaros que adentravam o Império, uns por vontade de aderir à cultura romana e outros que queriam dominar os territórios do Império Romano, sendo esses últimos combatidos veementemente. Como destacou Keith Jenkins, somos fruto de nosso tempo, e, por conseguinte, notamos a interseção do meio em que vivia o filósofo tardo-antigo em suas orações, à medida que observamos seu posicionamento quanto ao elemento estrangeiro.

Embora muitos contemporâneos de Temístio tivessem um posicionamento hostil com relação a quem não tinha nascido em território romano, o filósofo se mostrou mais interessado numa política de inclusão. Mesmo porque o panegirista prezava a paz, era um pacifista, mas se houvesse necessidade de uma guerra para garantir a harmonia do Império o filósofo aceitava. De acordo com o próprio autor dos panegíricos “está incompleto o governante e o legislador que, competente para guerra, é incapaz de administrar a paz”. (TEMÍSTIO, *Disc.* X, 131a).

No que tange o quesito militar, o filósofo era a favor de se manter o Exército disciplinado e pronto para qualquer eventualidade, pois se algum povo resolvesse perturbar a paz do Império os soldados deveriam agir, mas somente se não houvesse outra maneira de resolver a questão.

Agora a paz se expande por quase todas as fronteiras, mas se estende o dispositivo bélico. Nosso soberano sabe, em efeito, que vive uma paz mais sólida os que estão dispostos à guerra. As fronteiras estão guarnecidas de fortalezas, as fortalezas de

soldados, os soldados de armas e as armas de beleza e solidez (...). Desse modo, tanto fora como dentro das fronteiras reina a paz entre nós, o temor das armas entre os inimigos, e o temor das leis entre os soldados. O que mantém os citas longe dos romanos não é um rio, nem um pântano, nem uma paliçada, pois daria para contorná-lo, cruzar-lo ou franqueá-lo, (...). O troféu que se ergue por essa vitória não está fabricado em pedra, nem em bronze e nem em ouro, e nem situado em um local, mas reside no interior de todos os bárbaros e de todos os romanos. Nosso soberano levantou-o não sobre uma multidão de mortes e feridas, nem sobre indescritíveis montes de cadáveres, mas somente com sua perseverança e sua firmeza. (TEMÍSTIO, *Disc. X*, 138b-c/139a).

A paz é o prêmio da guerra, e os que se veem obrigados a lutar o fazem para viverem em paz e segurança. (TEMÍSTIO, *Disc. X*, 131a). Como analisamos, para o panegirista, a finalidade maior das campanhas militares é a prevenção e a manutenção da harmonia e do sossego no Império. Sendo assim, o monarca tinha a responsabilidade de manter a ordem e a tranquilidade, para que todos seus súditos vivessem em felicidade, como veremos mais adiante a melhor maneira de atingir tais objetivos é pelo exercício da virtude.

Com relação aos bárbaros, Temístio diferencia o estrangeiro de maneira a pontuar qual povo seria interessante assimilar com o Império Romano, e qual deveria ser aniquilado. O filósofo tem um “grande cuidado em distinguir o inimigo persa do bárbaro cita, o primeiro resolutamente hostil, e o segundo somente indócil.” (DAGRON, 1968:100). No trecho a baixo, o autor ressalva as características que uma “estirpe” estrangeira poderia apresentar; de um lado a ser toleradas e do outro a ser exterminada.

Por que acorda a paz com os citas e a regateia com os persas? Ambas as estirpes são bárbaras e não precisamente amigas do Império Romano. Sem embargo, a primeira é impulsiva e insensata, enquanto que a segunda é manhosa e traiçoeira. A uma, portanto, a tem a seu lado por meio do temor e da advertência, igual “a cólera”, disse Platão, “segue como aliada as advertências da razão”; a outra, em contra partida, deve amputá-la e extirpá-la para que não a importune. (TEMÍSTIO, *Disc. XI*, 148d/149a).

O estudo dos discursos políticos de Temístio nos mostra que cabia ao monarca saber observar e diferenciar “o malvado do insensato, o mentiroso daquele que se deixa



enganar, aquele que requer amputação e cauterização daquele que exige piedade e advertência, e distinguir e separa a perversidade da ingenuidade.” (*Disc. XI, 10:148c*). No pensamento temistiano, o governante, ungido por Deus, era governante de todos os homens na terra, e não somente de determinados grupos por pertencerem à mesma região.

No que concerne à postura que o governante deveria ter com relação aos bárbaros, o filósofo tardo-antigo, diferentemente de seus contemporâneos, prega uma política de assimilação. Para Temístio, todos poderiam ser salvos com a benevolência e a humanidade do governante, ou melhor, adotando o bárbaro, o monarca estaria exercendo sua *philantrōpía*, e mostrando os melhores caminhos aos outros povos ignorantes. Como também, agregaria novos súditos aptos a contribuir com o Império Romano, através do pagamento de imposto e do serviço militar.

A história já nos há oferecido no passado muitos exemplos dessa classe, e não somos os primeiros a experimentar que os criminosos, uma vez obtido o perdão, passam a ser úteis as vítimas de seus crimes. Olha se não, a esses gálatas que vivem no Ponto! Estes, em efeito, depois de abrirem espaço, através das armas, até o interior da Ásia e devastar toda a região do rio Halis, se assentaram no território que seguem habitando até hoje. E sem embargo, não os aniquilaram Pompeu nem Lúculo (mesmo podendo fazer), nem Augusto, nem os Imperadores que os seguiram, mas que, uma vez obtido o perdão por seus crimes, passaram a formar parte do Império. E agora ninguém chama de bárbaros os gálatas, mas romanos em seu sentido pleno, pois mesmo tendo mantido seu antigo nome, seu estilo de vida é o mesmo que o nosso. Pagam os mesmos impostos que nós, participam das mesmas campanhas militares que nós, reconhecem as autoridades como todos os demais e obedecem as mesmas leis. Com estes olhos nos direcionaremos aos citas dentre em pouco. Ainda está recende seus golpes, mas em pouco tempo os associaremos, sem dúvidas, as nossas mesas, e compartilharemos com eles o exercício da milícia e das responsabilidades públicas. (TEMÍSTIO, *Disc. XVI, 211c-d*).

Através do cumprimento da virtude o monarca estaria apto, não só a distinguir as características alheias, mas também, a conquistar todos. Em suas orações, Temístio, sempre ressalta a importância da virtude para o monarca e os benefícios que pode trazer a seus súditos com as práticas dos valores morais; dentre esses, o que mais nos chama a atenção, é a capacidade de resolver as querelas sem a necessidade de uma guerra. Afinal, através de sua virtude, o governante pode conquistar a todos, sem necessidade

da força física, já que os homens em geral, romanos ou não, o aceita de boa vontade e com admiração.

Em efeito, sem abrir mão do aço, mas somente com a firmeza da alma, pôs de lado uma parte, não muito pequena, de bárbaros vizinhos, até então desobedientes e rebeldes, e conseguiu sujeitar a povos mais desleais que os antigos tesalios, de modo que, todavia, hoje mantém diferenças entre si, mas estão reconciliados e se entendem com os romanos: funda em sua natureza o trato com eles mesmos, e na necessidade o trato com nosso soberano. E estão submetidos não por lanças, ou arcos, mas, o que não deixa de ser surpreendente pela aberta tolerância com que os deixa (o então Imperador, no caso Valente) viver. (TEMÍSTIO, *Disc.* XI, 149d/150a).

Se pensarmos na teoria de Temístio do governante humanitário, notamos que para o panegirista o governante deveria cuidar do bem-estar de todos os humanos, e não somente nos habitantes de Roma, ou nos da Grécia e assim por diante. Como apontamos anteriormente, para ser reconhecido pela Divindade o monarca deviria agir como Ele, e o único meio é na prática da *philantrōpía*, da humanidade. Ou melhor, através do amor<sup>2</sup>, o Imperador ganharia o respeito e a admiração de todos os homens.

Assim como, Eros e Afrodite, que por possuírem a melhor arma, o amor, tornava seus “triumfos melhores e mais imediatos que os de Ênio<sup>3</sup>” (*Disc.* XIII, 19:177b), o monarca, na concepção temistiana, também, poderia usar tais atributos para vencer suas contendas com os inimigos. Considerando que era um caminho pacífico, Temístio o preferia a guerra. Downey ressalta, ainda, que o filósofo tardo-antigo, com sua visão de “fraternidade universal” estava “apto a argumentar que a conciliação com a absorção era superior a conquista pela força.” (DOWNEY, 1955:305)

O bom governante não tem nenhuma necessidade de lança, pois basta sua virtude para dominar e submeter os povos mais selvagens de maneira voluntária, o que é sempre preferível à força. Os bárbaros, em definitivo, te favorecem com presentes em vez de se entregarem a rapina; e sua famosa cólera desaparece com o encanto que o jovem os vence. (TEMÍSTIO, *Disc.* XIII, 176c-d).

---

<sup>2</sup> Não estamos nos referindo aqui ao amor entre homens e mulheres, mas sim ao Amor fraternal, aquele depreendido a um irmão, ao próximo. *Philantrōpía*.

<sup>3</sup> Em nota, o tradutor nos esclarece que Ênio é uma Deusa da Guerra que fazia parte do habitual séquito de Ares; e em Roma era identificada por Bellona.

Assim, o *bom governante*, no conceito de Temístio, tem que exercer sua humanidade em todos os momentos, especialmente por ser o escolhido por Deus e ser a lei-viva na terra. Em outras palavras, o governante, bem versado, deve saber como utilizar seu cargo para manter a paz e a harmonia em seu Império, promulgando leis imprescindíveis à manutenção da ordem e do bem-estar de todos. Deve, também, exercer a todos os momentos as virtudes que cabe ao monarca, dessa maneira resplandecerá sobre todas as regiões da Terra; e o mais importante, confirma a escolha Divina, pois se torna imagem e semelhança do ser Supremo do universo.

Acreditamos, dessa maneira, que Temístio é fruto de seu tempo, pois deixa transparecer a todo o momento, em seus discursos, a diversidade cultural existente em sua época. Também, nos chama a atenção a imagem que constrói de Deus, que a nosso ver é uma figura metafísica sobre a qual o governante deve se basear, aproximando-se da perfeição.

#### BIBLIOGRAFIA:

##### *Documentação Primária Impressa*

TEMISTIUS. (2000). *Discursos Políticos*. Con traducción al español de Joaquín Ponce Ritore. Madri: Gredos.

TEMISTIUS. (1999). *The private Orations of Themistius*. With an English translation by Robert J. Penella. California: University of California Press.

##### *Obras de Apoio*

AVERY, W. T. (1940). The "Adoratio Purpurae" and the Importance of the Imperial Purple in the Fourth Century of the Christian Era. *Memoirs of the American Academy in Rome*. Vol. 17, pp. 66-80.

CAMERON, Alan. (1970) *Claudian: Poetry and Propaganda at the Court of Honorius*. Oxford: Oxford University Press.

CARRIE, J-M.; ROUSSELLE, A. (1999). *L'empire romain en mutation: des Sévères à Constantin 192-337*. Paris: Éditions du Seuil.

CARVALHO, M. M. (2006). Temístio, o imperador Juliano e a discussão em torno do conceito de realeza no século IV d.C. *Revista História*, Universidade Federal de Goiás, v. 11, n. 1, jan/jun.

\_\_\_\_\_. (2010). *Paidéia e Retórica no Século IV d.C.: A Construção da Imagem do Imperador Juliano Segundo Gregório Nazianzeno*. Anablume: São Paulo.

DAGRON, G. (1968). L'empire romain d'Orient au IV<sup>e</sup> siècle et les traditions politiques de l'hellénisme : le témoignage de Thémistios, *Travaux et Mémoires*, vol. 3, p.1-242.

DOWNEY, G. (1955). Education and Public Problems as Seen by Themistius. In.: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. No. 86, p.291-307.

\_\_\_\_\_. (1957). Themistius and the Defense of Hellenism in the Fourth Century. *HTLR*, no. 50, pp. 259-274.

GERVÁS, M. J. R. (1991). *Propaganda Política y Opinión Pública: en lo Panegíricos Latinos del Bajo Imperio*, Salamanca: Universidad de Salamanca.

GONÇALVES, A. T. M. (2006). A Legitimação do poder imperial e os problemas sucessórios nos brevíários de história romana produzidos no IV século d.C. *História Revista*. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFG. V.11 n.01, p.1-15.

GRODZYNSKI, D. (1974). Par la bouche de l'empereur. In.: VERNANT, J.P.; VANDERMEERSCH, L. et al. (orgs.). *Divination et Rationalité*. Paris: Éditions du Seuil,.

HEATHER, P. (1998). Themistius: A political philosopher. In.: WHITBY, Mary. *The propaganda of Power: The Role of Panegyric in Late Antiquity*. Leiden: Brill.

\_\_\_\_\_; MANCOUR, David. (2001). *Politics, Philosophy, and Empire in the Fourth Century: select Orations of Themistius*. Liverpool: Liverpool University Press.

JAMES, E. (2008). The Rise and Function of the Concept "Late Antiquity". *Journal of Late Antiquity*. V. 01, no. 01, pp. 20–30.

JENKINS, K. (2004). *A História Repensada*. São Paulo: Contexto.

JONES, C. P. (1997). Themistius and the Speech to the King. *Classical Philology*. Vol. 92, no. 2, pp. 149-152.

LENSKI, N. (2000). The Election of Jovian and the Role of the Late Imperial Guards. *Klio*, v. 82, no. 2, pp. 492-515.

MACHADO, C. A. R. (1998). *Imperadores imaginários: Política e Biografia na História Augusta. (Século IV d.C.)*. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

MARROU, H-I. (1977). *Decadence Romaine ou Antiquité Tardive?* Paris: Éditions du Seuil.

MENDES, N. M.; SILVA, G. V. (2004). As Representações do poder Imperial em Roma entre o Principado e o Dominato. *Dimensões*. No. 16, pp. 241-270.

MÉRIDIÉ, L. (1906). *Le Philosophe Thémistios: devant L'opinion de ses contemporains*. Rennes : Imprimerie brevetée Francis Simon.

MILLAR, F. (1967). Emperor at Work. *The Journal of Roman Studies*. V. 57, no. 1/2, pp. 9-19.

\_\_\_\_\_. (1977). *The Emperor in the Roman World*. London: Duckworth.

O'MEARA, D.; SCHAMP, J. (2006). Thémistios: Discours 6. In.: O'MEARA, Dominic ; SCHAMP, Jacques. *Miroirs de prince de l'Empire romain au IVe. siècle*. Paris: Édition du Cerf.

PONCE, J. R. (2002). La Clemencia del Monarca y la Insuficiencia de la Ley en la antigüedad Tardía: El Testimonio de Temistio. *Habis*, no. 33, pp. 507-520.

SAYAS, J. J. (1972). Aportaciones de Temistio a determinados problemas imperiales. *Hispania Antiqua*, p.35-54.

SILVA, G. V. (1998/1999). A Configuração do Estado Romano no Baixo Império. *Revista História*. V. 17/18, pp. 199-223.

\_\_\_\_\_. (2003). *Reis, Santos e Feiticeiros: Constâncio II e os Fundamentos Místicos da Basílica (337-361d.C.)*. Vitória: EDUFES.

STERTZ, S. A. (1976). Themistius: A Hellenic Philosopher-Statesman in the Christian Roman Empire. *The Classical Journal*, vol. 71, no. 4, pp. 349-358.

VANDERSPOEL, John. (1989). Themistius on the Source of Purple ("Or." 4.61a). *Mnemosyne*, Fourth Series, Vol. 42, Fasc. 3-4, p. 492.

\_\_\_\_\_. (1996). *Themistius and the Imperial Court: Oratory, Civic Duty, and Paideia from Constantius to Theodosius*. Michigan: University of Michigan Press.

VEJA, María José Hidalgo de La. (1995). *El Intelectual, la Realeza y el Poder Político en el Imperio Romano*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.